

EM NOME DA FÉ:

AS MEMÓRIAS DE MORADORES DO BAIRRO INDAIÁ, NOVA TRENTO

Márcia Peixe Vargas¹

Resumo: Este texto procura analisar as memórias de moradores idosos do bairro Indaiá, em Nova Trento – SC, acerca das experiências de fé por eles vivenciadas. Tal bairro foi povoado por imigrantes provenientes do Trentino, atualmente parte da Itália, e sua organização social tem forte influência da religiosidade. A intenção desse texto é problematizar os hábitos de fé destes depoentes com base nos referenciais da História do Tempo Presente, apresentando suas emoções, alegrias e dores em relação aos ensinamentos cristãos transmitidos pelas famílias católicas do bairro, ensinamentos estes que vincaram suas experiências de vida profundamente. Recorrendo à História Oral e seus protocolos e metodologias, os personagens, em sua maioria agricultoras/donas de casa aposentadas, destacam a iniciação nas práticas cristãs, a reza do terço em homenagem à Nossa Senhora de Fátima, a influência dos padres jesuítas em suas vidas, o papel dos padrinhos na socialização das crianças, a solidariedade entre vizinhos, bem como as restrições e proibições impostas pela fé ou por seus representantes, com destaque para os sacerdotes, os sacrifícios materiais e simbólicos que marcaram suas existências, o lugar e as identidades de gênero fixados, entre outros temas.

Palavras-chave: História do tempo presente. História oral. Religiosidade.

INTRODUÇÃO

Desde a chegada dos primeiros imigrantes que povoaram Nova Trento –SC, estes provenientes do Trentino (antigo Império Austro-húngaro) e também de outras regiões da Itália, em 1875, a Igreja Católica, se fez presente na vida das famílias. Inicialmente ligados à paróquia de São Luiz Gonzaga, em Brusque, que compreendia a Colônia Itajahy, e, posteriormente, em 1879², a presença tornou-se mais próxima com a instalação da casa paroquial dos padres da Companhia de Jesus. A partir da fixação em solo neotrentino, jesuítas passaram a perpetuar a religião “(...) pelos Exercícios Espirituais, seguindo o método de Santo Inácio de Loyola, pregado aos neotrentinos. Estes exercícios serviam de controle político, econômico e social” (NASCIMENTO, 2006).

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da UDESC, Bacharel em Comunicação Social - habitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí, endereço de e-mail: mahpeixe@gmail.com.

² CADORIN, Jonas. Gente in Mutamento – o processo de produção identitária em Nova Trento: 1875 - 2003. Universidade do Vale do Itajaí. 2003 – dissertação de mestrado em Educação. – p. 102.

A partir da liderança exercida pelos jesuítas em Nova Trento, a organização social passa a seguir as orientações estabelecidas pela Igreja, que neste aspecto assumem o que Eric Hobsbawm (2012), chama de ‘invenção das tradições’, processos que visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Desta forma, o cotidiano se fundamenta nas práticas religiosas, que envolvem os ritos e os sacramentos. É neste contexto que está inserido o bairro Indaiá, em Nova Trento, situado às margens da Rodovia SC-108, na parte norte do município, onde atualmente residem 150 famílias.

Este artigo tem como objeto problematizar a influência dos padres jesuítas deste bairro, a partir de depoimentos de um grupo de moradores idosos e também por meio dos registros do Livro de “Crônicas de Indayá”³, de 1932 a 1960, escrito pelos padres jesuítas, e que se encontra na Paróquia de São Virgílio de Nova Trento. Tal documento apresenta relatos das visitas ao bairro e descrevem as celebrações e informações que os padres consideravam necessárias registrar. Além dos depoimentos e dos registros deste livro, apresenta-se (um depoimento) do padre Benno Brod, que atua no município, sobre os hábitos religiosos dos moradores de Indaiá.

REVISÃO DA LITERATURA

A origem do bairro Indaiá contempla o grande período imigratório de 1875 que ocorreu após o Governo Imperial firmar um contrato com o empresário Joaquim Caetano Pinto Júnior por meio do decreto nº 5663, de 17 de junho de 1874, que o autorizou trazer 100.000 imigrantes europeus para o Brasil. Em virtude da distância entre Nova Trento e a sede da Colônia Príncipe Dom Pedro (Itajaí), a cidade passou a ser reconhecida como “Cidade Convento” onde a religiosidade se propagou através do incentivo dos padres jesuítas, (PIAZZA, 2001, p.33). Desta forma a vida dos habitantes passou a ser marcada por práticas religiosas como: batismo, comunhão, casamento ou ordenação, missa, festa do padroeiro ou do santo devoto e orações, (MARQUES, 1995. pg. 110).

Conforme destaca Walter Piazza (2001), em sua obra, Italianos em Santa Catarina, os colonos que povoaram Nova Trento conservaram tradições trazidas da terra natal. Muitos

³ LIVRO DE CRÔNICAS DE INDAYÁ, consultado no arquivo da Paróquia São Virgílio – Nova Trento – SC.

colonos, como por exemplo, os que se fixaram no bairro, preservaram acentuada religiosidade católica, para o que colaborou também o estabelecimento dos padres jesuítas – (o padre João Maria Cybeo, celebrou sua primeira missa em Nova Trento no ano de 1876⁴ junto com o padre Peblani incentivou a construção da capela de alvenaria no bairro Indaiá, por volta do ano de 1907⁵).

Desta forma a presença do padre era considerada um grande acontecimento, pois ele visitava o bairro poucas vezes ao ano. O sacerdote levava horas a cavalo para chegar a determinada localidade. Lá chegando, em geral, ficava dois, três dias. Era preciso tempo para atender a comunidade e preparar-se para o retorno, (MARQUES, 1995, pg. 53). Além das práticas religiosas ocorrerem diariamente nas casas das famílias, a Capela Santo Anjo da Guarda, que se situa no centro do bairro, tornou-se referência para os moradores, tanto no aspecto religioso, como social. Tais comportamentos refletem a relação que os moradores do bairro tinham/têm com a capela, um espaço de referência, conforme descreve Mircea Eliade (1992), onde sagrado se revela:

O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao desejo de se situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências puramente subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. Esse comportamento verifica-se em todos os planos da sua existência, mas é evidente no desejo do homem religioso de mover-se unicamente num mundo santificado, quer dizer, num espaço sagrado. (p. 21).

METODOLOGIA

Para analisar tal realidade, utilizei como método os pressupostos da história oral, pois como destaca a autora Verena Alberti (2000), na obra Manual da História Oral, “ (...) a entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares etc. (p.14)”. Neste sentido, ALBERTI (2000), afirma que:

⁴ CADORIN, Jonas. Gente in Mutamento – o processo de produção identitário em Nova Trento: 1875 - 2003. Universidade do Vale do Itajaí. 2003 – dissertação de mestrado em Educação. – Disponível em: <https://siaiap39.univali.br/repositorio/handle/repositorio/1737>. Acesso em 26/07/2017.

⁵ BROD. Pe. Benno - Pe. Cybeo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bennobrodsj@bol.com.br > em 9 nov.2012.

Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através: Do estudo aprofundado de experiências e versões particulares; de procurar compreender a do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações. (ALBERTI, p.11).

Entre os entrevistados estão moradores agricultores (as), donas de casa aposentadas, que destacam a iniciação nas práticas cristãs, a reza do terço em homenagem a Nossa Senhora de Fátima, a influência dos padres jesuítas em suas vidas, o papel dos padrinhos na socialização das crianças, a solidariedade entre vizinhos, bem como as restrições e proibições impostas pela fé ou por seus representantes – com destaque para os sacerdotes –, os sacrifícios materiais e simbólicos que marcaram suas existências, o lugar e as identidades de gênero fixado, entre outros temas.

A escolha deste grupo de entrevistados obedeceu aos critérios estabelecidos por ALBERTI (2000), que leva em consideração a disponibilidades dos entrevistados em revelar as experiências, o interesse pelo tema e a própria vivência relacionada ao objeto em estudo. As entrevistas contaram com um grupo de oito entrevistados (verificar a quantidade), entre eles homens e mulheres do bairro, aqueles mais idosos e com maior envolvimento nas práticas religiosas do bairro. Vale ressaltar, que o número de entrevistados foi reduzido pelo fato de que no período de 2010 a 2012, o bairro perdeu diversos moradores idosos, que também poderiam enriquecer ainda mais este artigo.

Optei por entrevistas temáticas com foco na narração da vida do depoente, onde “a preocupação maior não é o tema e sim a trajetória do entrevistado” (ALBERTI, 2000, p.38). Como instrumento de coleta utilizei um gravador e após as coletas, as entrevistas foram transcritas respeitando ‘o modo de falar’ dos entrevistados. Como recorte histórico utilizei as memórias e documentos relacionados ao período das décadas de 1950 a 1980. Tais entrevistas foram utilizadas inicialmente para a produção do meu trabalho de conclusão do curso da graduação em Comunicação Social com habitação em Jornalismo pela Universidade do Vale

do Itajaí em 2013/1, que resultou no livro reportagem Arado, Rosário e Cruz - Colonos de Indaiá narram histórias de fé.⁶

AS PRÁTICAS RELIGIOSAS EM INDAIÁ

Por meio das entrevistas orais, apresento a seguir as experiências dos moradores do bairro Indaiá ligadas às práticas religiosas na comunidade. A primeira delas refere-se ao batismo sacramento pelo qual o recém-nascido passa a se tornar filho de Deus, pois como descreve ELIADE (1992), é somente graças a esses ritos que ele se integra à comunidade dos vivos. José Francisco Peixe, agricultor aposentado, perdeu o pai ainda criança e foi criado pelo padrinho:

Antes de morrer meu pai chamou todos os compadres dele, tinha cinco. Pediu que cada um levasse seu afilhado para morar junto. Ele não queria que minha mãe ficasse com a gente. A situação não era muito boa, né?! (...) Me tratava que nem filho dele, sempre respeitei ele. A gente sabia que a vida ia se essa. Só sai da casa dele quando casei, com 26 anos. (José Francisco, 2013).

Ao se referir a este episódio de sua vida, José descreve a função atribuída aos padrinhos segundo sacramento do batismo estabelecido pela Igreja Católica, ao qual cabe acompanhar dificuldades financeiras e até substituir os pais em caso de morte. O depoimento dele é, na verdade, marcado por traços de tristeza, ora, gratidão. Apesar disto, é possível perceber que a relação construída com o padrinho apresenta-se por uma imposição da Igreja, ou seja, o compromisso que assumiu perante toda a comunidade, este não apenas religiosa, mas social. Além disso, é possível questionar se estas afirmações não seriam também resultados de uma construção da 'obrigação' que o afilhado teria que retribuir ao padrinho. Ainda dentro do contexto familiar, a participação dos pais a iniciação nas práticas cristãs é apresentada por Marta Moresco Casagrande:

Me lembro que antes de comer, todos os dias, ele (o pai) pegava uma medalhinha de São Francisco e lia a oração que tinha atrás e nós eu e meus irmãos repetíamos com ele. (...) Meu pai era sacristão, ele deixava tudo pronto para o padre e também quando não tinha padre ele rezava". (MARTA, 2013).

⁶ PEIXE, Marcia. Arado, Rosário e Cruz – Colonos de Indaiá narram histórias de fé. (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social - habitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí - 2013)

Em seu relato, Marta apresenta saudosismo e ao mesmo tempo orgulho. Por meio da repetição, viu no pai um exemplo a ser seguido. Em seu depoimento, a personagem apresenta dois aspectos que o pai exercia, a primeiras delas, a de ser o responsável por perpetuar os ensinamentos dentro da própria família, que na maioria das vezes, era o papel atribuído às mulheres. E o segundo, refere-se a função de sacristão, que segundo Renzo Grosseli (1987) era escolhido por saber ler e ter o respeito da comunidade. Tais afirmações demonstram que nos aspectos, apresentados por Marta, o pai exercia autoridade perante o grupo familiar e também comunitário.

Ainda na infância, outro sacramento relatado pela entrevistada Florentina Moresco Garbari foi a 1ª Eucaristia:

(...) Foi muito triste, não pude tomar a comunhão no dia marcado, porque eu não sabia ler direito. A minha catequista não deixou. Não consegui passar na prova que tinha antes da comunhão. Eu tinha que saber o catecismo de cor. Aí, minhas coleguinhas fizeram, e eu tive que fazer sozinha”. (Florentina Moresco Garbari, 2013).

Logo no início, observamos a frustração da personagem ao ser impedida de participar da celebração com o grupo. Desta forma, constatamos que as práticas religiosas além de incluir, também eram excludentes, o que provocavam sofrimento aos que apresentam um rendimento inesperado. Neste caso, as famílias também concediam à Igreja, como define BORDIEU (1982), um poder simbólico, capaz de interferir nas etapas a serem vividas. Na adolescência, principalmente para as meninas/moças de Indaiá, eram responsáveis pela limpeza da Capela Santo Anjo da Guarda e pela manutenção dos arredores, conforme relata Eulina Moresco Garbari:

Eu era menina, e já ajudava na igreja. Eu tinha uns doze ou treze anos, eu era uma das mais novas. Nós arrumava todo sábado. Todo sábado nós ia botar flor na igreja. Se nós não botasse sábado, nós ia domingo de manhã. Era tudo flor natural, plantada em casa. Cada morador tinha plantado seus pé de rosa, era daquelas açucena, era de tudo quanto era coisa. (...) A gente ia por gosto e vontade, porque no nosso tempo não era programado”. (Eulina Moresco Garbari, 2013).

As afirmações de Eulina nos fazem pensar o quanto enraizadas estavam/estão as práticas religiosas no meio social do bairro, ao modo de que não havia/há distinção destes dois aspectos. Outra questão a ser pontuada é o fato que tal prática era tida também como um

ritual, ao destacar que não havia uma programação específica. Já na vida adulta, Maria Cassaniga Peixer apresenta as obrigações e regras ligadas:

Só podia usar roupa comprida, ele era bravo, não gostava de decote e brigava na missa. Di certo devia ser um jeito dele de ser”. (Maria Cassaniga Peixer, 2013).

Neste depoimento, constamos o poder exercido pelo padre José da Poian na comunidade de Indaiá. Apesar das restrições, Maria atribui tais medidas uma característica particular do padre. Deste modo nos leva a questionar se esta afirmação não está ligada ao que segundo (Pereira, 2008) está ligado à crença de que os bispos e padres são homens especiais que controlam a Igreja e a entrada no reino dos céus, fazendo deles líderes sagrados cujas ordens devem ser obedecidas. O também agricultor aposentado Antônio Peixe, afirma para que seguir os hábitos repassados pelos pais, ele e esposa também saíam de Indaiá:

Nós ia até três noites a fio de carro de boi com as crianças no Moura, rezar o terço na casa cumadre Deltina. Isso tudo no escuro e pela trilha”. (Antônio Peixe, 2013).

Neste depoimento percebemos o envolvimento do personagem e sua família para perpetuar o costume de rezar terço em honra à Nossa Senhora de Fátima. Para isso, deslocavam até a cidade vizinha de carro de boi. Em sua fala, Antônio aborda o assunto com naturalidade, como algo que comum. Com isto, parece-me que ele não percebe a dimensão do esforço e do risco que corriam ao utilizar o trajeto à noite e com os seis filhos e também está inserido neste contexto de tal forma, que não relaciona tal prática ao incentivo dos padres jesuítas.

Do ponto de vista da junção entre as práticas religiosas e sociais, está solidariedade entre as famílias, como relata Maria Raiser Marchi:

Eu gostei do pessoal, fui muito ajudada. O Victorino mandava o boi pra gente puxar lenha, eles vinham nos ajuda amarrar fumo, até a Merentina com um braço conseguia ajudar. A minha filha tinha o Juci (neto) pequenininho e eles traziam até leite para ele, tadinho”. (Maria Raiser Marchi, 2013).

O tom do relato de Maria é guiado pela gratidão, onde destaca ajuda recebida ao chegar ao bairro em 1980 com família. Tais práticas podem estar ligadas à caridade, amplamente difundida entre os princípios cristãos. A partir deste olhar, podemos pensar que os vizinhos sentiam ‘a obrigação’ enquanto católicos em ajudar os ‘irmãos de fé’ recém chegados. Em relação ao envolvimento dos moradores de Indaiá nas celebrações realizadas na

Capela Santo Anjo da Guarda há diversos registros no Livro de ‘Crônicas de Indayá de 1932 a 1960, escrito pelos padres jesuítas, que se encontra na Paróquia de São Virgílio de Nova Trento, como este na data de 23 e 24 de março de 1957:

O padre veio de Nova Trento no dia 22 de manhã. Depois do meio dia instrução para as crianças e depois delas confissões e dos grandes. Às 6h Via-sacra de manhã e missa às 6 e meia e das 9 -11 instrução para as crianças. À tarde confissões e bençãos com terço às 6. Domingo 2 missas bem frequentadas. Preguei as prerrogativas da verdadeira Igreja. Confissões: 120; com: 150; catequese: 4; prática: 3. (LIVRO DE CRÔNICAS DE INDAYÁ)

Este livro apresenta as celebrações realizadas pelo sacerdote e também a participação dos féis, do modo, entender como ocorriam os rituais no bairro nas poucas vezes em que o padre visitava a comunidade. Destaque para quantidade de pessoas e também pelo número de confissões, estas ocorriam sempre que havia missa. Outro registro apresenta a celebração de uma cerimônia de 50 anos de casamento do casal José Moresco e Maria Setti, que ocorreu em 1957 e a permanência do sacerdote durante três dias:

14-15-16 de dezembro de 1957. Sábado à tarde veio o padre de Nova Trento. Domingo duas missas pela manhã. Na segunda missa celebrou o jubileu de ouro de José Moresco e Maria Setti. Estiveram reunidos toda a família e netos, inclusive o filho marista de São Paulo. Todos consagraram juntamente com os jubilares e na segunda missa. 2ª feira comunhão geral do Apostolado e da cruzada. Com 150; confissão 140; 3 práticas; 1 catequese e 3 batizados”. Padre Fernando Peidel. (LIVRO DE CRÔNICAS DE INDAYÁ)

O padre Jesuíta Benno Brod atua em Nova Trento e pelo município já esteve em três períodos diferentes. Em relação aos hábitos religiosos dos moradores de Indaiá afirma que:

Estive em Nova Trento em primeiro lugar seis anos, nos anos oitenta de 1983 a 1989, depois voltei para a cidade em 2002 a 2005 e agora estou aqui desde 2010. De lá para cá não vejo muita diferença, lembro que são características as mesmas de antes. O que eu percebo mais empenho das lideranças, a simpatia com as coisas da igreja se mantém. Vejo crescimento, essa maneira de cultivar a devoção aos mortos a participação os cantos sempre fez parte do bairro. (Benno Brod, 2013).

Padre Benno acrescenta que o envolvimento da comunidade também pode ser visto durante as celebrações:

A gente percebe pelas respostas nas missas, pelos cantos, pela presença, pela atenção pelo silêncio que se faz muita vibração de fé. Isto que digo observando, qualquer pessoa poderia ver isto. eu interpreto como sinal de fé,

as famílias são famílias de profunda vivência de fé. Lá tem bastante criança, muitos jovens que ficam no fundo da igreja, que estão presentes no começo até o fim. (Beno Brod, 2013).

DISCUSSÕES A CERCA DA MEMÓRIA

A partir dos depoimentos e das afirmações apresentadas pelos personagens podemos perceber que “(...) a memória é um processo individual que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disto, as lembranças podem ser semelhantes, contrapostas ou contraditórias, (Portelli, p. 16)”. Utilizando algum as reflexões de Paul Ricoeur (2007), que apresentou importantes contribuições acerca dos estudos sobre a relação entre história e memória, em que a memória, além de ser vista com uma ferramenta de armazenamento, também apresenta a capacidade de ressignificação das coisas e de si mesmo, no processo da rememoração. Como o que ocorreu durante as entrevistas, quando os personagens foram de certa forma, convidados a evocar informações guardadas na memória, e se esforçaram para buscar os conhecimentos armazenados anteriormente.

Segundo o autor, “(...) não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela, (RICOEUR, 2007, p. 40)”. Para ampliar esta discussão, utilizo o conceito utilizado por Pierre Nora (1993), de que a memória, não é mais memória, e sim história. A partir desta afirmação ele opera com a ideia de que a memória passa a ser uma história arquivista, que se apoia no que há de “mais preciso no traço, no material, no vestígio mais concreto registro, mais visível imagem (Nora, p.14) ”.

Deste modo, ele afirma que ‘a memória vem do exterior e “nós a interiorizamos como uma obrigação pessoal, pois ela não é mais uma prática social, (Nora, p.17)”. Com isto verificamos que as memórias dos entrevistados partem das experiências coletivas construídas, seja no âmbito da família, na reunião das celebrações ou entre os amigos. A partir destas relações também são constituídos lugares de memória, onde ‘imaginação o investe uma aura simbólica’, que neste caso pode ser a capela, ponto fixo de reuniões e até mesmo o livro de registro dos padres jesuítas.

CONCLUSÕES

Ao longo dos depoimentos percebemos que a religiosidade em Indaiá, influenciou diversos aspectos da vida dos moradores locais. Tais hábitos são resultado das estratégias adotadas pelos jesuítas, que além de serem líderes espirituais obtinham controle político, econômico e social. Neste sentido, surgiu um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição. Em virtude da imersão às práticas religiosas, os moradores atribuíram aos padres, o representante capaz de lhes passar uma mensagem sistemática seja capaz de dar sentido unitário à vida e ainda capaz de lhes fornecer justificativas de existir como existem, isto é, em uma posição social determinada.

Desta forma, as práticas cotidianas no bairro se configuraram por meio de ritos, estes ligados quase que exclusivamente ao catolicismo. Neste contexto, os ritos em Indaiá se apresentaram, como descreve BORDIEU (1998), como uma forma de consagrar ou a legitimar, ou seja, a fazer desconhecer enquanto arbitrário e reconhecer enquanto legítimo, natural, um limite arbitrário.

Observamos também que em todas as entrevistadas os personagens apresentam sinais de 'idolatria', e, às vezes de ressentimentos, todos estes ligados aos cumprimentos dos sacramentos ou hábitos ligados à religiosidade. Apesar disso, ambos cumpriam e ainda realizam tais práticas, que também foram repassadas para os filhos, filhos e, em alguns casos, para os bisnetos.

A Capela Santo Anjo da Guarda continua como local de referência para a comunidade, o 'sagrado' permanece ali. Desta forma, o padre continua a visitar a comunidade, agora, reza missas uma vez por mês, e na ausência dele, os ministros (a) (substitutos dos sacristãos) mantém assim como no passado as celebrações todos os domingos os cultos ou terços. Concluo, portanto, que apesar da influência da modernidade, os moradores do bairro Indaiá perpetuam os hábitos dos antepassados e mesmo que ressignificados.

REFERÊNCIA

AZZI, Riolando. **A Espiritualidade Popular no Brasil: um enfoque histórico**", in; Grande Sinal – Revista de Espiritualidade, Ano XLVIII – 1994/3, p 296.

BORDIEU, P. **Les rites comme actes d'institution**. Actes de la recherche en sciences sociales, 1982, p. 58.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004, p.85-86.

_____. **A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI. Afrânio (orgs). Escritos de educação. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 188.

CADORIN, Jonas. **Gente in Mutamento – o processo de produção identitário em Nova Trento: 1875 - 2003**. Universidade do Vale do Itajaí. 2003 – dissertação de mestrado em Educação. – Disponível em: <https://siaiap39.univali.br/repositorio/handle/repositorio/1737>. Acesso em 26/07/2017.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GROSSELI, Renzo Maria. **Vencer ou Morrer: Camponeses Trentinos nas Florestas Brasileiras**. Editora da UFSC, 1987.

HAMEISTER, M. D. **Padrinhos de pretos no extremo-sul do Estado do Brasil no século XVIII**. In: Décimo Congresso Internacional da Associação de Estudos Brasileiros – Brazilian Studies Association, 2010, Brasília. Anais BRASA X. Nashville: Internacional da Brazilian Studies Association (BRASA), 2010. v. não há. pp. não há.

HOBSBAWM, Eric J.; RANGER, Terence (org.). **A Invenção das Tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante, 2. Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2012.

MARQUES, A. M. **Nova Trento in canto de fé**. Itajaí, Editora da UNIVALI, 2000, p. 67.
MOSER, A. A violência do Estado Novo contra “coloni” descendentes de italianos em Santa Catarina. 1995. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Florianópolis.

NASCIMENTO, José do. **Santa Paulina, reconquista e territorialidade: Uma história em Nova Trento-SC**, 2006, p. 40. (Dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina).

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, 10 dez 1993.

PEREIRA, José Carlos. **Os Ritos de Passagem no Catolicismo: cerimônias de inclusão e sociabilidade**. Rio de Janeiro: Muad X, 2012.

PEREIRA, José Carlos. **A Linguagem do Corpo na Devoção Popular do Catolicismo José Carlos Pereira**. Revista de Estudos da Religião Nº 3 / 2003 / pp. 67-98. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_pereira.pdf?ref=Sex%C3%9Ehop.Com. Acesso em: 05/09/2017.

PEREIRA, José Carlos. **Religião e poder: os símbolos do poder sagrado**. CSOnline Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Ano 2. Volume 3, maio de 2008, p. 84-85. Disponível em:

<https://csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/download/366/339>. Acesso em: 07/09/2017.

PEIXE, Marcia. **Arado, Rosário e Cruz – Colonos de Indaiá narram histórias de fé.** (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social - habitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí - 2013).

PIAZZA, Walter F. **Italianos em Santa Catarina.** Florianópolis, SC: Lunardelli, 2001.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** tradução; Alain François [et al.]. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

FONTES DOCUMENTAIS:

BROD. Pe. Benno - Pe. Cybeo. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bennobrodsj@bol.com.br> em 9 nov.2012.

BROD. Pesquisa bairro Indaiá. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <bennobrodsj@bol.com.br> em 7 jan.2013.

LIVRO DE CRÔNICAS DE INDAYÁ, registro de Padre Fernando Peidel. Paróquia São Virgílio, março de 1957.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1987, p.387.

FONTES ORAIS:

ANTONIO Peixe. Entrevista concedida à Marcia Peixe Vargas, Indaiá, em Nova Trento/Santa Catarina, Brasil, a 4 jan.2013. MARIA Raiser Marchi. Entrevista concedida à Marcia Peixe Vargas, Indaiá, em Nova Trento/Santa Catarina, Brasil, a 8 mar.2013

JOSÉ Francisco Peixe. Entrevista concedida à Marcia Peixe Vargas, Indaiá, em Nova Trento/Santa Catarina, Brasil, a 13 abr.2013

MARIA Cassaniga Peixe. Entrevista concedida à Marcia Peixe Vargas, Indaiá, em Nova Trento/Santa Catarina, Brasil, a 13 abr.2013

EULINA Moresco Garbari. Entrevista concedida à Marcia Peixe Vargas, Indaiá, em Nova Trento/Santa Catarina, Brasil, a 20 abr.2013

MARTA Moresco Casagrande. Entrevista concedida à Marcia Peixe Vargas, Indaiá, em Nova Trento/Santa Catarina, Brasil, a 20 abr.2013

FLORENTINA Moresco Garbari. Entrevista concedida à Marcia Peixe Vargas, Indaiá, em Nova Trento/Santa Catarina, Brasil, a 27 abr.2013